

A Vitalidade da Igreja no Pioneirismo

Marcus H. Martins, Ph.D.

Versão completa e editada de comentários apresentados parcialmente no Seminário Sul-Americano 2025 da Fundación Roble del Sur, em Buenos Aires, Argentina, em 20 de Novembro de 2025

Ao abordar como tema o pioneirismo na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, suponho que alguns esperem que eu comente trechos da história da conversão de minha família tão bem relatada no livro *Santos volume 4*, por cuja inclusão eu mais uma vez expresso gratidão em nome de toda a minha família.

Mas, com essa introdução, vocês já devem estar imaginando—e corretamente—que eu não vou repetir a história da conversão de minha família especificamente.

Como eu disse numa palestra patrocinada pela Universidade de Utah em 2018, após mais de três décadas sendo convidado quase exclusivamente para falar sobre a conversão de minha família, eu “... comecei a recusar convites para falar sobre esse assunto”, e tenho oferecido usar como tema os resultados dos meus estudos para meu segundo livro, intitulado “*O Sacerdócio: Símbolos Terrenos e Realidades Celestiais*”, [lançado em outubro de 2025].

“E isso resume bem minha posição pessoal sobre o assunto atualmente. A proibição do sacerdócio aconteceu. Ela é e sempre será parte de nossa história coletiva como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas a proibição [que existiu até 1978] não deve ser uma grande preocupação nem ter qualquer efeito significativo em nosso presente.” (“Forty Years After the 40th Year: Expectations for the Future of Black Members in the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints” - BYU Maxwell Institute - 12 Outubro 2018 – colchetes adicionados)

E a conversão de minha família—e de muitas outras famílias com ascendência negra africana pelo mundo a fora antes de 1978—importantes e historicamente significativas como o foram, não são o meu tema preferido para palestras e devocionais.

Ao invés disso, eu tenho focalizado em algumas lições úteis para futuras gerações de membros da Igreja em todo os mundo. Hoje, vou tratar apenas de uma dessas lições—a “vitalidade” da Igreja.

Dezessete anos atrás, num discurso que fiz em Orem, Utah, eu propus que “a vitalidade da religião praticada por membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está fundamentada em suas doutrinas extraordinárias, em suas ordenanças reveladas dos céus, e nas bênçãos, privilégios e promessas contidos nos convênios do evangelho restaurado de Jesus Cristo.

“Subestimar qualquer um desses fatores poderia comprometer a fonte de vida da Igreja. Figurativamente falando, é o bosque sagrado que atrai conversos vitalícios, e não o carrinho de mão dos pioneiros. Embora o carrinho de mão seja o símbolo de um êxodo baseado na fé, essa fé começou no bosque sagrado.

“A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não é verdadeira pelo fato de seus membros em meados do século 19 terem cruzado as planícies dos EUA. A Igreja é verdadeira porque Deus falou dos céus, chamou um profeta na era moderna, e através deste profeta restaurou seu evangelho e sacerdócio ao mundo.” (“Trinta Anos Após o ‘Dia Há Muito Prometido’: Reflexões e Expectativas” - Instituto de Religião de Orem, Utah - 29 Fevereiro 2008)

Quase 40 anos atrás, o Presidente N. Eldon Tanner escreveu:

“Pioneiros ainda são necessários. Um pioneiro é descrito como alguém que vai à frente, preparando o caminho para os outros. Ele é um líder, o primeiro em seu campo em descoberta e invenção. Ele será seguido por colonos e desenvolvedores que expandem e exploram suas descobertas. Qualquer um que queira se tornar um pioneiro tomará cuidado para preencher sua mente com o que é conhecido sobre a rota que planeja tomar. Algumas das qualidades necessárias no pioneirismo são interesse, inteligência, imaginação e determinação. Um pioneiro deve investigar, planejar, experimentar e trabalhar.

“Ao sermos pioneiros em qualquer empreendimento, temos o benefício daqueles que foram pioneiros antes de nós. Temos o plano do evangelho a seguir, que não precisa de experimentação, mas devemos planejar e trabalhar para atingir o objetivo que buscamos — a vida eterna.” (Ensign, July 1976 - Trechos na Liahona, Julho 1977 – O artigo da Liahona em português contém apenas trechos do original.)

Essas palavras inspiradas têm estado em minha mente desde que eu li esse artigo pela primeira vez na revista Ensign em 1976, época em que eu ainda era um adolescente sem o privilégio de receber o sacerdócio. Depois de quase 50 anos, como um sociólogo aposentado e baseado em incontáveis experiências eclesiásticas e espirituais, eu continuo a ponderar sobre a declaração do Presidente Tanner de que “pioneiros—aqueles que vão à frente, preparando o caminho para os outros—ainda são necessários.”

Podemos assim expandir o conceito de “pioneerismo” e incluir todos os membros da Igreja em qualquer época e em qualquer lugar do mundo, independente de quanto tempo cada um tem como membro da Igreja.

As provas de fé enfrentadas pelos novos conversos demonstram amplamente o seu comprometimento com o evangelho restaurado, e da mesma forma como os pioneiros SUD do século 19 forneceram um padrão da fidelidade para futuras gerações por sua obediência e sacrifício em cruzar as planícies dos EUA e ao construir comunidades em ambientes então inóspitos.

Pioneiros modernos—não apenas os membros negros convertidos antes de 1978, como minha família, mas também outros em muitas nações ao redor do mundo, incluindo os Estados Unidos—acrescentaram mais um padrão moderno de fé ao se unirem à verdadeira fé, mesmo quando ainda não podendo desfrutar plenamente de seus privilégios, ou enquanto enfrentam desafios de todos os tipos.

Mas essas provas de fé não se limitam a novos conversos. Membros de longa data também demonstram o seu comprometimento e pioneirismo quando aceitam novos chamados—não apenas os que envolvem responsabilidades de liderança, mas, se me permitem dizer “principalmente” quando aceitam chamados que, alguns poderiam considerar como sendo “abaixo ou aquém” de sua experiência e capacidade. Tais indivíduos demonstram um espírito pioneiro ao mostrar aos outros o caminho do serviço humilde, sem preferências pessoais.

Nesses casos, esses membros mostram pelo seu exemplo que “... *não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja, nem tampouco dos sábios o pão, nem tampouco dos prudentes as riquezas, nem tampouco dos que têm discernimento o favor ...*” (Eclesiastes 9:11), mas como um anjo disse ao Rei Benjamin, do Livro de Mórmon, a “carreira” é daquele que “[torna-se] santo pela expiação de Cristo, o Senhor; e torne-se como uma criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor, disposto a submeter-se a tudo quanto o Senhor achar que lhe deva infligir; assim como uma criança se submete a seu pai.” (Mosias 3:19)

De acordo com essa perspectiva, não apenas chamados nos fornecem oportunidades de pioneirismo, mas também quaisquer desafios da vida enfrentados por Santos dos Últimos Dias, tais como: permanecer fiéis quando alguns dos privilégios e oportunidades de serviço na Igreja não são estendidos por algum tempo—ou até por toda a vida. Ou quando alguma promessa solene feita pelo Senhor numa bênção patriarcal ou em alguma outra bênção profética de conselho—bênção essa ansiosamente desejada—é adiada ou temporariamente negada.

Todos os que permanecerem fiéis e obedientes mesmo sem o cumprimento de todas as bênçãos prometidas, serão considerados “pioneiros” ou “modelos” para gerações futuras. Mais uma vez, as palavras do Presidente Tanner:

“Expressamos gratidão ao nosso Pai no céu pelo evangelho, que nos mostra o caminho. Somos gratos a todos que estavam preparados e se apresentaram para cumprir seus propósitos e estabelecer suas verdades, que são as mesmas ontem, hoje e para sempre.”

Cada geração enfrentará dificuldades proporcionais e adaptadas ao seu ambiente e circunstâncias. Assim, se é verdade que a maioria de nós, vivendo no início do século 21, talvez não suportássemos o stress e as dificuldades da vida dos primeiros pioneiros, também deve ser verdade que a maioria dos primeiros pioneiros não suportaria o stress e as tentações de nossas sociedades urbanas contemporâneas. Portanto, qualquer discussão do tipo “quem está em melhor situação” não é útil. Cada um foi designado ainda na pré-mortalidade a viver em um ambiente e sob um conjunto de circunstâncias perfeitamente adaptadas às suas habilidades e capacidades latentes adquiridas como espíritos pré-mortais (1 Coríntios 10:13). (“The Grove and the Handcart: The Pioneer Theme on the Threshold of a New Millennium” – “O Bosque e o Carrinho de Mão: O Tópico dos Pioneiros no Limiar de um Novo Milênio”, monografia inacabada, 1997)

Sob essa ótica, o crescimento da Igreja também pode ser visto como a soma do crescimento espiritual e temporal de cada um de seus membros, e o crescimento numérico pode ser visto apenas como uma consequência natural e um reflexo do crescimento pessoal.

Consequentemente, a força, a veracidade, e a vitalidade da Igreja não seriam completamente representadas por seus ativos financeiros, propriedades imobiliárias ou mesmo pelo número de

conversos ou templos. Por mais maravilhosas que sejam todas essas coisas, a verdadeira força e vitalidade da Igreja reside nos testemunhos dos santos, recebidos do alto pelo poder do Espírito Santo e manifestados em atos diários de humilde obediência e sacrifício.

Pode-se ver o poder, a majestade e a vitalidade da Igreja nos incontáveis exemplos de membros humildes que, às vezes, fazem grandes sacrifícios para frequentar as centenas de templos diligentemente, apesar das dificuldades financeiras e das ainda significativas distâncias.

A vitalidade da Igreja não está simplesmente na existência de milhares de edifícios confortáveis, mas sim nas lições inspiradoras ensinadas por pessoas comuns nesses edifícios, que, como os Nefitas da antiguidade, “... deixaram seu trabalho para transmitir a palavra de Deus ... não se considerando superiores aos ouvintes, pois o pregador não era melhor do que o ouvinte, nem o professor melhor do que o aluno; e assim eram todos iguais, e todos trabalhavam, cada um segundo a sua força.” (Alma 1:26).

E a vitalidade da Igreja pode não ser completamente demonstrada em suas taxas de crescimento passadas ou em projeções estatísticas para o futuro, mas se manifesta sempre que os membros “... [repartem] de seus bens, cada um segundo o que [tem], aos pobres, aos necessitados, aos doentes e aos aflitos” (Alma 1:27 – colchetes adicionados), e quando esses mesmos membros, por meio de atos simples e altruístas de serviço cristão ao próximo, “... socorrem os fracos, levantam as mãos que pendem e fortalecem os joelhos vacilantes” (Doutrina e Convênios 81:5).

Se aceitarmos a ideia de que o crescimento da Igreja é a soma do crescimento espiritual e temporal de cada membro individual, podemos então concluir que, independentemente do local ou da circunstância, cada membro tem um papel significativo a desempenhar no crescimento futuro da Igreja. Toda oração, lição, ordenança, ato de serviço e obediência conta. Quaisquer atos desse tipo, realizados em qualquer lugar, produzirão resultados espirituais que transcenderão o tempo e o espaço.

Não importa se o membro vive em uma grande ala em Salt Lake City ou em um pequeno ramo recém estabelecido em Burundi. Parafraseando o apóstolo Paulo, poderíamos dizer que “[os americanos] plantaram, [muitas nacionalidades] regaram; mas Deus deu o crescimento. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus é quem dá o crescimento” (1 Coríntios 3:6-7). (Baseado em artigo para a edição de 30 de dezembro de 2000 do Church News)

Marcus H. Martins é sociólogo, professor emérito e ex-decano de educação religiosa na Brigham Young University-Hawaii. Ele escreveu dois livros: “Setting the Record Straight: Blacks and the Mormon Priesthood” e “The Priesthood: Earthly Symbols and Heavenly Realities”. Fez palestras em conferências e eventos nos Estados Unidos (onde reside desde 1990), Brasil, China, Inglaterra, Hong Kong, Japão, Malásia, Ilhas Marshall, Portugal, Qatar e Singapura. O irmão Martins filiou-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em 1972 e tornou-se o primeiro santo dos últimos dias com ascendência negra africana a servir missão de tempo integral após a Revelação de 1978. Ele serviu duas vezes como bispo, sete vezes como sumo conselheiro da estaca, três vezes como oficial do templo, tradutor do Livro de Mórmon e presidente da Missão Brasil São Paulo Norte com sua esposa, Mirian Abelin Barbosa. O casal tem quatro filhos e oito netos.